

O CIRCO (RE)CRIADO POR CRIANÇAS DA 2ª SÉRIE

VANESSA CRISTINA SCARINGI (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA).

Resumo

O tema central deste projeto diz respeito a inserção e interação de um aluno circense numa sala de aula, por meio da proposta sócio- construtivista da Pedagogia por Projetos de Jolibert (1994, 2006). Em setembro de 2008, numa classe de 2º série (7-8 anos) de escola pública, a chegada de um aluno, advindo de circo, instigou a turma a elaborar um projeto sobre a vida no circo, com vistas a conhecê-lo melhor. Foi feito o planejamento do projeto, especificando o contrato individual e coletivo dos acontecimentos. A primeira etapa consistiu na elaboração, em conjunto com os alunos, das perguntas para a entrevista ao aluno circense, as quais foram selecionadas com o auxílio do professor e executadas em formato talk show. A partir disso foi possível construir uma nova ferramenta de apoio, tal como, as fichas de sinônimos. Outras ferramentas, como dicionários e a superestrutura textual foram consultadas. Inspirados pelas descobertas que fizeram, os alunos acrescentaram uma nova etapa ao projeto: "Tarde do Palhaço", onde propuseram vivenciar o papel do artista na sala de aula, fazendo o uso de diversas ferramentas de trabalho, incluindo: piadas pesquisadas na internet; consulta de livros para a escolha das mágicas; figurinos requisitados à coordenação da escola através de requerimento; cartaz, convites e maquiagem do circo trazidos pelo palhacinho, etc. Como encerramento, foi realizada uma roda da conversa onde todos puderam fazer suas colocações, expondo os aspectos positivos e negativos, dentro da auto e co-avaliação, como sugere Jolibert (2006). Os resultados indicaram um aumento na participação dos alunos em todas as etapas, tais como, na leitura, na escrita, na expressão corporal, além da construção do respeito mútuo entre o grupo, e entre o grupo e o aluno advindo do circo, por meio da construção de novas regras como por exemplo do como tratar as diferenças.

Palavras-chave:

Alfabetização, Ensino Fundamental, Pedagogia por Projetos.

Desde o nascer as pessoas têm a possibilidade de aprender pelas experiências do próprio corpo - seu mais importante instrumento; a agirem no espaço em que vivem, interagindo com outros que as cercam, além de demonstrarem pensamentos e sentimentos. O ambiente muito interfere. Explorando o meio, a pessoa "[...] não é um recipiente passivo de eventos ambientais. Ao invés disso, ela busca experiências e usa o ambiente" (Bee apud PIAGET, 1977: 15) aprendendo a partir dele.

Sendo assim, cabe ao meio propiciar formas de ensino-aprendizagem que valorizem o desenvolvimento da comunicação corporal para, conseqüentemente, influenciar as faculdades físicas, cognitivas e sociais dos sujeitos. É necessário que algo deva "[...] ser feito para que o aluno possa ampliar seus referenciais do mundo e trabalhar, simultaneamente, com todas as linguagens (escrita, sonora, dramática, cinematográfica, corporal, etc.)" (Fux, 1983: 5)

Vale lembrar que não está sendo lançada uma fórmula mágica para resolução de problemas, mas está sendo proposta medidas que contribuam para a evolução global do indivíduo e suas capacidades, ou seja, "[...] preparar a pessoa para a vida e não para o mero acúmulo de informações." (Fux, 1983: 5)

O tema central deste projeto diz respeito a inserção e interação de um aluno circense numa sala de aula, por meio da proposta sócio- construtivista da Pedagogia por Projetos de Jolibert (1994, 2006). A partir deste enfoque teórico é possível conduzir a sala de aula de uma maneira rica em condições facilitadoras à leitura e produção de textos, além de promover, desde a infância, outras formas de pensamento e ação com vistas ao respeito mútuo a fim de ampliar o desenvolvimento físico, cognitivo e social importantes para o enriquecimento da formação global do indivíduo e substituir o ensino tradicional por meios de uma alfabetização contextualizada.

Pensando na infância dentro da escola e também na atuação dos educadores, há controvérsias polêmicas entre os profissionais da educação em relação às pretensões da escolarização básica: os que dirigem o ensino para o cumprimento de currículos e programas, priorizando uma alfabetização distanciada da realidade de seus freqüentadores; e aqueles que consideram a infância como etapa primordial para o desenvolvimento integral e progressivo das capacidades básicas na formação de um sujeito pleno a se adaptar na sociedade e exercer a cidadania.

A concepção de educação a qual em grande porção compreende um ambiente escolar em que a infância está sujeita a se encaixar nos padrões estabelecidos pelos adultos - o ensino técnico-profissional eventual à preparação para o mercado de trabalho, então, parte do seguinte pressuposto segundo Fux (Fux, 1983):

Quando somos crianças necessitamos mover-nos porque movendo-nos expressamos nossa vontade de rir, de chorar ou de brincar. A medida que crescemos, nosso corpo, pelos tabus de uma civilização que corrompe nossa necessidade de expressão, perde cada vez mais o desejo de mobilização. [...] Mas, que maravilha se soubéssemos comunicar-nos com o nosso corpo, estimulados pelo desejo de expressar-nos com a música ou sem ela, mas fazendo do corpo um instrumento de comunicação entre o que queremos fazer, entre o que podemos fazer e entre o que vamos descarregando para podermos nos expressar (p. 67)

Os estudos e debates oferecidos sobre a humanização do ensino pelas políticas públicas e educacionais reforçam, com uma variedade de argumentos, a importância de uma prática pedagógica voltada para uma educação libertadora, sem reproduções e repressões, por parte das instituições responsáveis.

Valendo-se da Lei nº. 9.394/96, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em seu artigo 2º, o então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso aponta, sobre os princípios e fins da educação nacional que "A educação [...] inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania [...]" (Fernando Henrique Cardoso, 1996: 3)

Ao participar do cotidiano escolar, a criança traz consigo conhecimentos adquiridos na convivência com a própria família (cultura familiar), com os vizinhos do bairro (cultura de bairro), etc.; porém, alguns conhecimentos ainda não foram despertados como a troca de experiências já vividas e as que vêm a ocorrer na interação com outros colegas e que trazem consigo outras idéias de enxergar o mundo. É obrigação do docente promover essa tarefa e aproveitar o momento de união porque "os projetos nascem das necessidades que surgem no dia-a-dia da sala de aula ou da escola; [...]" (Jolibert 2006: 150)

É comum nas salas de aula supostamente se garantir uma aprendizagem eficaz por meio de conteúdos pré-estabelecidos e via de regra esperar que os alunos apenas observem e memorizem.

Assim, cabe mencionar a importância do olhar do professor para um planejamento de aula dirigido às atividades que considerem a pluralidade sócio-cultural da criança por meio de novas práticas, de desafios que possibilitem a ampliação dos conhecimentos. Conhecimentos esses voltados à construção de múltiplas linguagens como a oral e a escrita, e também a lúdica. E ainda se sugere que os profissionais da educação "sejam empregados para atender os interesses e as necessidades da criança, sujeito do processo educativo" (Fonseca, 1998: 216), pois suas atitudes são modelos para as crianças. Para isto, é preciso que o ambiente pedagógico esteja bem planejado, organizado e direcionado a um trabalho em grupo (participativo).

Por isso, o principal objetivo deste trabalho foi preparar o ambiente da sala de aula com vistas à proposta sócio- construtivista da Pedagogia por Projetos de Jolibert (1994, 2006), respeitando as formas de interação entre o grupo de alunos (as) envolvidos (as) como forma didático-pedagógica no contexto da escola fundamental, possibilitando a leitura e a escrita de forma contextualizada.

Em setembro de 2008, numa classe de 2° série, a chegada de um aluno (12 anos), advindo de circo, instigou a turma a elaborar um projeto sobre a vida no circo, com vistas a conhecê-lo melhor.

Desta forma, participaram do projeto educacional aproximadamente vinte e oito crianças do ensino fundamental, na faixa etária de oito anos, de ambos os sexos, devidamente matriculadas numa escola municipal.

Foi feito o planejamento do projeto, especificando o contrato individual e coletivo dos acontecimentos. A primeira etapa consistiu na elaboração, em conjunto com os alunos, das perguntas para a entrevista ao aluno circense, as quais foram selecionadas com o auxílio do professor e executadas em formato *talk show*.

A partir disso foi possível construir uma nova ferramenta de apoio, tal como, as fichas de sinônimos. Outras ferramentas, como dicionários e a superestrutura textual foram consultadas. Inspirados pelas descobertas que fizeram, os alunos acrescentaram uma nova etapa ao projeto: "Tarde do Palhaço", onde propuseram vivenciar o papel do artista na sala de aula, fazendo o uso de diversas ferramentas de trabalho, incluindo: piadas pesquisadas na internet; consulta de livros para a escolha das mágicas; figurinos requisitados à coordenação da escola através de requerimento; cartaz, convites e maquiagem do circo, trazidos pelo palhacinho, etc.

Como encerramento, foi realizada uma roda da conversa onde todos puderam fazer suas colocações, expondo os aspectos positivos e negativos, dentro da "auto e co-avaliação", a respeito da avaliação dentro desta proposta que "não é concebida como uma qualificação final, mas como uma reflexão que acompanha as aprendizagens da criança e é parte do processo de aprendizagem" (Jolibert, 2006: 151)

Diante a descoberta de novas experiências numa troca de informações entre o indivíduo e o ambiente, ficou claro que essas atividades estimularam a linguagem da expressão do corpo como um todo, abordando as potencialidades naturais do indivíduo em seus aspectos físico, cognitivo e social. Lembra Darido (Darido, 2002) que:

Quando os homens se comunicam, lançam mão de um vasto repertório: usam todo o corpo e todos os textos nele manifestos. Essas comunicações são textos, isto é, gestos - tomados num sentido mais amplo do que apenas movimentação de partes do corpo. Incluem desde o sutil franzir de sobancelhas até o vigoroso acenar dos braços, o jeito de andar e de se sentar. Gestos são textos, movimentos comunicativos do corpo impressos por uma determinada cultura [...] (p. 140)

Assim, os resultados indicaram um aumento na participação dos alunos em todas as etapas, tais como, na leitura, na escrita, na expressão corporal, além da construção do respeito mútuo entre o grupo, e entre o grupo e o aluno advindo do circo, por meio da construção de novas regras como por exemplo do como tratar as diferenças.

É importante destacar que essa experiência é tida como gratificante ao passo que a coordenação da escola também notou os resultados bem acentuados, como por exemplo o interesse dos educandos na elaboração e execução do projeto, ou seja, das interferências vindas com essa forma didático-pedagógica.

Entretanto, é importante destacar também os pontos fracos levantados por todo o grupo referentes a falta de um acompanhamento pedagógico voltado à alunos circenses e algumas falhas na maneira de se organizar um projeto que, de acordo com o grupo, inclui o envolvimento e a dedicação de todos por igual.

REFERÊNCIAS

BRASIL, LDB. Lei nº 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 09 fev. 2009.

BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. Trad. Antônio Carlos Amador Pereira e Rosane de Souza Amador Pereira. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977. 319 p.

DARIDO, Suraya C. *Educação Física*. In: Linguagens, códigos e suas tecnologias. / Secretaria de Educação Média e Tecnológica - Brasília: MEC: SEMTEC, 2002. p.139-178.

FONSECA, João Pedro da et al. *Estrutura e funcionamento da educação básica - leituras*. São Paulo: Pioneira, 1998. 401 p.

FUX, María. *Dança, experiência de vida*. Trad. Norberto Abreu e Silva Neto. São Paulo: Summus, 1983. 142 p.

JOLIBERT, Josette. *Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade*. Trad. Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006. 248 p.